

DAVIS, Mike. *Holocaustos Coloniais. Clima, fome e imperialismo na formação do Terceiro Mundo*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record Editora, 2002 (1ª ed. em inglês: 2001), 486 p.

Norberto O. Ferreras
Universidade Federal Fluminense

Mike Davis é bastante conhecido entre aqueles que têm como temáticas de pesquisa a ecologia e a política. Para isso, é só lembrar seus livros já editados no Brasil, como *Ecologia do Medo. Los Angeles e a fabricação de um desastre* (Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2001) e *Cidade de Quartzos. Escavando o futuro em Los Angeles* (São Paulo: Scritta, 1993), nos quais analisa a cidade de Los Angeles e suas mudanças de perfil urbano e social nos anos setenta e oitenta. Em *Holocaustos Coloniais*, Mike Davis parte das posições anteriores para tentar compreender os aspectos mundiais da expansão do capitalismo e as suas conseqüências sociais e ambientais. Este livro está muito bem escrito, facilitando a leitura, o que acaba permitindo ao leitor uma aproximação a um dos fenômenos mais mencionados e pouco conhecidos da história ambiental: a oscilação na temperatura das águas do oceano Pacífico, conhecida como *El Niño*, e ainda a reversão do fenômeno, conhecida como *La Niña*. *El Niño / La Niña* são fenômenos naturais de vastíssimas conseqüências sociais que não se limitam às secas do Brasil e da região das Monções na Ásia e ainda na África. Afetam, ainda, os pescadores e produtores rurais da costa do Pacífico da América do Sul, aos Pampas rio-platenses e a Oceania.

Para analisar esses fenômenos naturais, Davis opta por prender a atenção do leitor com uma das férias familiares mais famosas e mais bem documentadas do século XIX: a viagem ao redor do mundo empreendida por Ulysses S. Grant e família. O ex-presidente americano e antigo general *Yankee*, vencedor da Guerra Civil Americana, decidiu sair dos Estados Unidos para recuperar o prestígio perdido com denúncias de corrupção durante o seu

governo. Na viagem, marcada por uma série de *gaffes* diplomáticas, atravessou o Egito, a Índia e a China, no meio da devastadora seca de 1877-1878, tão conhecida no Brasil. Esta narrativa demonstra o caráter sincrônico e universal da seca e é a porta de ingresso das análises de Mike Davis.

Depois de ter prendido a atenção do leitor, o autor mergulha decisivamente na análise das conseqüências sociais na conjugação dos processos econômicos com fenômenos meteorológicos. O livro está dividido em quatro grandes partes. As duas primeiras partes estão destinadas a narrar os fatos, em nível mundial, da grande seca de 1876-1878 e as que se sucedem entre 1888-1902. A terceira parte foi destinada a apresentar e explicar aos leigos os fenômenos relacionados de *El Niño / La Niña*. Finalmente, a quarta e última parte está destinada a dar conta das reações e atitudes ante a seca em três regiões diferentes do planeta: a Índia, a China e o Brasil.

Holocaustos Coloniais tem vários objetivos. O mais evidente é a apresentação das secas, assim como vincular as secas aos distúrbios ambientais provocados por *El Niño* (ou segundo a terminologia técnica: *A Oscilação Sul do El Niño*). Mas, por trás da análise das secas planetárias, o tema principal e mais profundo do livro é a expansão do capitalismo, na sua fase Imperialista, e a conseguinte constituição e consolidação do Terceiro Mundo. A hipótese é polêmica e está à espera de debatedores, ao menos no Brasil. De fato, este pode ser um tema de futuras teses e dissertações, uma vez que conhecemos tantos aspectos culturais e as especulações dos protagonistas, está na hora de passar a refletir sobre o porquê de políticas similares no chamado "combate" à seca, em lugares tão distantes do planeta como Bombaim e o Ceará.

No meu entender, a hipótese mais forte do livro pode ser apresentada com os seguintes passos: (1) na década de 1870, manifestou-se uma aguda recessão mundial; (2) para combater essa recessão, os países produtores de matérias primas aprofundaram uma série de mudanças produtivas já existentes; (3) desta forma, grande parte das áreas e populações que produziam para a sua própria subsistência passaram a produzir para o mercado internacional; (4) os grandes proprietários ou os poderosos locais passaram a estimular essas mudanças, coagidos pelo afã de lucro ou pelos governos centrais, o que favoreceu o fim das relações paternalistas e sua substituição pelo individualismo; (5) para complicar a situação dos camponeses, eclodiu uma série de fortes distúrbios climáticos, as secas, escancarando as novas relações produtivas. As conseqüências, então, foram as piores possíveis: fome, morte, aprofundamento das relações de subordinação existentes. Em seqüência, os camponeses ficaram submetidos aos senhores locais; os senhores aos governos nacionais; e estes governos aos países centrais, detentores do

crédito internacional e dos consumidores daqueles produtos que ocasionaram as mudanças produtivas.

Esta hipótese e esta seqüência aparecem bem relacionadas no texto de Davis. Na seqüência das secas, dois mundos acabaram colidindo e reagindo com as armas disponíveis. Os países centrais e os governantes nacionais foram fundamentalistas na implementação do *laissez faire*. O pensamento único se espalhou e consolidou na virada do século. Nesse período, foram descartadas as formas tradicionais de apoio e combate às secas, como: seleiros regionais destinados a este fim, deslocamento da produção de grãos de regiões não afetadas em direção às regiões afetadas e utilização das reservas para as produções do ano seguinte. O que acabou acontecendo foi que as produções que subsidiariam os flagelados foram vendidas ao melhor apostador, local, nacional ou internacional; os camponeses tinham deixado de produzir para o autoconsumo e tinham passado a produzir para o mercado e, pelo tanto, não tinham reservas para o próprio consumo. Os camponeses, por sua parte, reagiram como puderam e com o que restou. Os surtos de milenarismo uniram os *Conselheiristas* da Bahia com os *Boxers* da China. A Coreia, as Índias Orientais, as Filipinas, a Etiópia, o resto do Corno da África foram o palco de uma luta desigual e decidida de antemão, protagonizadas por bandos de camponeses, encabeçados por líderes místicos que condenavam os brancos, os estrangeiros, os europeus, os republicanos, ou o grupo disponível para culpá-lo pelos seus sofrimentos (na maioria dos casos, com uma grande dose de razão). Esses grupos massacraram e foram massacrados pelas forças do Capital.

A abordagem comparativa de *Holocaustos Coloniais* não é necessariamente uma novidade neste campo de estudos. Já no mesmo momento da primeira seca, André Rebouças e outros pensadores brasileiros seguiam com atenção os fatos da seca na Índia, que acabou servindo de modelo para as medidas implementadas no Nordeste Brasileiro. Porém, hoje, a abordagem de Mike Davis não deixa de ser uma novidade estimulante. Nos últimos anos, temos esquecido, mesmo quando lemos os textos dos contemporâneos, a perspectiva comparativa implícita nesta temática. Temos que lembrar que os estudos comparativos sempre permitem uma nova leitura dos acontecimentos e dos processos, permitindo-nos tanto enxergar a mesma realidade desde uma nova perspectiva, quanto perceber que as ações populares, dos proprietários ou dos homens de governo não são únicas e definitivas.

A bibliografia de *Holocaustos Coloniais* não pode ser contada como o grande aporte do livro. Pelo menos para o Brasil, a bibliografia não é das mais atualizadas e abunda em teses e livros publicados ou traduzidos ao inglês, restando-lhe o acesso às análises e abordagens mais recentes da

historiografia brasileira. No caso das fontes, somente as editadas e o livro peca pela carência de pesquisa na área. É provável que o mesmo possa ser dito para as outras regiões analisadas – compreensível no caso da China, Indonésia e Japão –, ao contrário da Índia, onde a literatura está praticamente toda em inglês e onde a pesquisa de fontes é mais abrangente e variada. Mas é claro que o aporte principal do livro não pretende ser a bibliografia e sim a análise renovadora e estimulante de vincular história climática, econômica e social. O livro tem, ainda, uma importante contribuição, uma série de conceitos com suas correspondentes definições que nos permitem compreender parte dos elementos da História Climática, sem ser especialistas na temática e, ao mesmo tempo, nos permitem ampliar o diálogo entre as disciplinas sem perder tempo na unificação dos jargões.

Ainda devemos registrar três críticas aos *Holocaustos Coloniais*. Por um lado, o discurso “miserabilista” utilizado pelo autor na descrição das secas. Chamo de discurso “miserabilista” à descrição extensiva e intensiva dos sofrimentos dos camponeses nestas situações. Uma vez que, nas páginas iniciais da descrição da primeira seca, ficamos sabendo que uma família vendeu os filhos para comer ou que, literalmente, jantou os filhos, como vamos acreditar que as secas seguintes foram ainda mais terríveis? Esse recurso acaba sendo contraproducente ao argumento do autor, seja pela saturação das imagens ou pela falta de impactos posteriores. Outro problema está na explicação excessivamente técnica das questões climatológicas, na terceira parte do livro, que produz um certo anticlimax na leitura do texto. Finalmente, a falta de uma conclusão geral ao livro contrasta com o Prefácio já analisado. Depois da análise dos três casos principais, precisar-se-ia uma recapitulação dos mesmos e fundamentalmente um acompanhamento do que sucedeu *a posteriori*.

O estudo das secas tem-se intensificado nos últimos anos, principalmente desde a publicação da tese de doutorado de Frederico de Castro Neves, *A Multidão e a História: Saques e outras ações de massas no Ceará* (Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 2000). Esta intensificação não tem implicado necessariamente um salto qualitativo na reflexão sobre a temática; de fato, são poucos os trabalhos que têm acompanhado a renovação teórica e metodológica aportada pelo livro de Frederico de Castro Neves. O livro de Mike Davis, frequentemente citado, pode levar a novas vias para ajudar-nos a aprofundar o conhecimento de um fenômeno secular no Ceará: as secas. Se o objetivo de Davis não foi o de aprofundar o conhecimento de uma realidade específica, o seu livro pode representar uma abertura para novas interpretações dos comportamentos dos camponeses e, principalmente, dos poderosos locais e nacionais.

Concluindo, *Holocaustos Coloniais* de Mike Davis oferece um novo olhar e uma explicação geral a um fenômeno, como as secas, que não se centrou num único local. A perspectiva comparativa seria ainda proveitosa se comparados estados vizinhos do próprio Brasil para reconhecer as atitudes das elites e grandes proprietários e dos mais afetados com este distúrbio climático. A relação de expansão do Capitalismo com secas é sumamente interessante na tarefa de desmontar o discurso liberal. A implementação das leis de ferro do Capitalismo, principalmente em circunstâncias extremas, demonstrou que o mercado, além de não resolver os problemas das pessoas comuns ou de ajudar em momentos críticos, atua sobre os mesmos para expandir a taxa de lucros dos poderosos.